

## **POR UMA LINGUAGEM MAIOR. A EUROPA NO MUNDO, O MUNDO NA EUROPA**

Sheila Khan, Vítor de Sousa e Rita Ribeiro

A história é um profeta com o olhar virado para trás;  
pelo que foi, e contra o que foi, anuncia o que será.

Eduardo Galeano (2017, p. 28)

A História não se compadece com uma narrativa que a torne monopolista e unilateral. É a luta pelo poder, pela máxima utilização dos recursos naturais e pela capacidade abrangente de edificar uma ideologia que sirva para todos que traz para a História esta aparência de unicidade e de homogeneidade. Este pensamento não resulta de uma mera abstração. É o olhar observador, reflexivo e interpretativo da historicidade humana que nos empurra para esta assunção: estudar criticamente a Europa e o Mundo exige o exercício de uma linguagem maior e permeável a outras experiências humanas, políticas e históricas que acompanharam e acompanham nos nossos dias o trabalho de compreender como os contextos sociais, económicos, culturais e políticos estão intrinsecamente ligados e dialogam entre si. A Europa é o que nela está contido e o que a ela chegou a partir do seu ambicioso projeto de modernidade e de expansão colonial e imperialista (Hall, 2018; Mignolo, 2007). Nadine El-Enany observa sem reticências e no uso de um pensamento lúcido, relativamente ao Reino Unido, o seguinte: “ausente do discurso político dominante está qualquer reconhecimento de que a construção da infraestrutura do Estado moderno da Grã-Bretanha, incluindo o seu Estado de bem-estar, dependia de recursos adquiridos pela conquista colonial” (2020, p. 1). Com este exemplo, entre muitos outros que aqui poderiam ser evocados, partimos desta convicção de que a Europa no Mundo e o Mundo na Europa não é apenas uma metáfora do

fulgor e da força que a globalização e a tecnologia nos permitem. Esta Europa no Mundo e este Mundo na Europa é o resultado de uma longa relação feita de conquistas, lutas, guerras, exploração, violência, subalternização e lutas de emancipação que representam o arquivo histórico do nosso presente.

O título deste livro não poderia ser mais atual, urgente e exigente. Num momento em que o grande debate sobre o racismo sistêmico, o capitalismo e as desigualdades económicas e sociais, a destruição do nosso planeta, o fechamento das fronteiras perante uma política anti-imigração nos mais diversos contextos geopolíticos, o retorno do populismo, da xenofobia, da criminalização e vigilância racial galopantes sob o signo de uma semântica mais tecnológica, objetiva e racional, podemos constatar que algo correu inevitavelmente mal na nossa caminhada no pós-Segunda Guerra Mundial, que a um dado momento nos concedeu a esperança e orgulho de novos tempos humanos outrora marcados pela escravatura, pelo extermínio de indígenas com a exploração assassina de territórios conquistados à custa de muito sangue, violações e usurpações. Antes de o século XX nos atormentar com as duas guerras mundiais e de o fim do colonialismo em muitos territórios colonizados na Ásia, América Latina e África nos trazer alento com as lutas anticoloniais e de emancipação política e pós-colonial, há muito que a Europa fazia estragos consideráveis, à luz de uma ideia candidamente enraizada numa era celebrada pelo seu esclarecimento moral de emancipação, progresso e civilização. O resultado é ainda visível hoje pelos complexos legados desse passado da modernidade ocidental colonial e imperial nas chamadas ex-metrópoles colonizadoras e nos territórios ex-colonizados. Lembrar o passado não é uma ferramenta de escavação para dele retirarmos apetrechos para aprimorar e sossegar este presente inquieto e estranho. O passado serve como postura ética, moral, cívica, ao chamar para o plano da reflexão elos de continuidade, os legados e veios de interpretação que nos permitam contextualizar, entender e sinalizar com maior exatidão este tempo inseguro e espinhoso que estamos a testemunhar em pleno século XXI.

Mas o presente também tem uma palavra a dizer, na sua potencial natureza de interpelar, interrogar e desafiar esse tempo pretérito. Por isso, este livro é um caminho no qual dois veios, passado e presente, se acompanham paralelamente, dignificando os temas que aqui são tratados com a solidez, minúcia e necessária tranquilidade analítica que um trabalho em conjunto merece. Esta partilha teve em si um estágio de maturação que se estende em três momentos interligados. O primeiro momento, em 2015, dedicou-se à realização de uma conferência internacional com o objetivo de pensar criticamente a Europa no

Mundo e o Mundo na Europa, com a nossa atenção orientada para conceitos tão relevantes como são os de identidade e de crise. Num segundo momento, levando em consideração o número de trabalhos apresentados durante a conferência, dos mais diversos contextos sociais, políticos e históricos, foi perceptível a oportunidade de uma publicação que pudesse alargar este debate não apenas a um público académico, mas também a outros públicos vigilantes destas preocupações. Cumprindo esta urgência, os editores deste mesmo livro publicaram em 2017 um *ebook* (Ribeiro, Sousa & Khan, 2017) organizado a partir de contributos de diversas disciplinas, como história, política, literatura, arte, cinema, *media*, tecnologia.

A presente publicação sossegou a sua energia durante quase três anos. A sua hibernação não foi sinal de passividade, adormecimento perante a realidade que todos os dias nos fustiga com grandes interrogações. Este livro esperou pelo tempo da sua voz escrita, tranquila e reflexiva, num momento em que o mundo exige de nós todos um rigoroso exame sociológico, histórico e político sobre que caminhos tomar, numa altura em que anseios de sobrevivência, de resistência e de futuro são os que mais se escutam e transbordam para além das fronteiras e confortos das nossas rotinas domésticas e civis. A experiência última da maturidade termina com este trabalho, um terceiro momento que estimamos, celebramos e desejamos fazer valer como uma centelha de partilha e fraternidade.

Nesse sentido, a reflexão crítica sobre identidade e crise complementa e reforça a vontade de compreender e investir no estudo sobre a Europa no Mundo, e este Mundo na Europa. Não desejamos ser ingénuos em pensar que o fim do colonialismo, a expansão da globalização e o desenvolvimento tecnológico e económico são *per se* garantes de estabilidade, de fraternidade e de respeito entre nações. Pelo contrário, autores atentos a estas permanências e continuidades do passado no presente e de um presente pleno de passado (Buettner, 2020; Gatrell, 2020; Jerónimo & Monteiro, 2020; Khan & Machado, no prelo; Lowe, 2015; M'charek, Schramm & Skinner, 2014; Mignolo, 2007; Nadine, 2020; Ribeiro *et al.*, 2017; Stoler, 2011) mostram a sobrevivência de legados coloniais, quer em sociedade colonizadas, quer nas colonizadoras. Lisa Lowe aborda sem reservas a persistência de lógicas de racialização, de discriminação racial e de desigualdades sociais e económicas nos Estados Unidos, ainda que os discursos políticos e ideológicos veiculem uma narrativa de um país que enterrou e enlutou o seu passado de escravatura e de desigualdades a todos os níveis:

As reivindicações liberais de que a escravidão acabou e de que a liberdade política foi defendida e alcançada continuam a informar a historiografia da abolição, a transição da escravidão para o trabalho livre e os direitos civis dos Estados Unidos; essas ideias são difundidas na própria cultura pública. Não só a narrativa liberal de liberdade superando a escravidão mascara a persistente falta de liberdade para os ex-escravizados, como as reivindicações liberais de abolição e emancipação estão conectadas com mudanças nos modos, escala e estratégias do império anglo-americano. (2015, pp. 89-90)

Não descurando as particularidades existentes entre a história dos Estados Unidos e de outros espaços que foram recetores da experiência colonial e imperialista, o pensamento de Lowe demonstra com clareza que o que estamos a testemunhar na Europa – o crescimento do racismo sistémico, os crimes étnico-raciais, o fundamentalismo religioso, o fechamento de fronteiras com a robustez das políticas anti-imigração, o recrudescimento das desigualdades sociais decorrentes da radicalização do sistema capitalista, a destruição do ambiente – nada mais é do que um presente refém de uma lógica de discriminação, de colonialidade e de racialização do ‘Outro’ (EI-Enany, 2020; Khan, no prelo; Khan & Machado, no prelo) perante argumentos que mascaram a sobrevivência de mecanismos de hierarquização e de subalternização política, económica e racial de ‘Uns’ perante ‘Outros’. Sandra Marchetti faz uma reflexão sobre a voracidade desta predisposição numa Europa pós-colonial de uma maneira clara e que, no entanto, nos causa uma enorme inquietação:

Em que sentido a Europa de hoje é uma Europa pós-colonial? Se pensarmos no pós-colonial como uma disposição e capacidade de se afastar substancialmente das práticas e mentalidades coloniais, então a Europa não parece estar preparada. A Europa de hoje é, na verdade, pós-colonial no sentido oposto, pois as mentalidades coloniais ainda estão vivas e operantes de várias maneiras. Isso é especialmente verdadeiro em discursos e encontros entre brancos, migrantes e negros. (2015, p. 133)

O Mundo que este livro traz não é estático e homogéneo. Contrariamente a uma ideia de que outros contextos geopolíticos agem de uma forma estanque e desconectada de uma historicidade maior e fértil, é hoje uma ideia desafiada pelas realidades africanas, asiáticas e latino-americanas que mostram versatilidade e fulgor em lidar com grandes desafios de consolidação social, económica e política; não apenas perante os seus desafios internos, mas, simultaneamente,

com os “escombros” deixados pela passagem da tempestade que foi a modernidade colonial e imperialista ocidental. De facto, não é solto o argumento de que o mundo de hoje está todo ele atado por linhas abissais (Santos, 2007). Por conseguinte, a nossa atenção sobre o que significa hoje pensar os conceitos de crise e de identidade tem de passar necessariamente por um exame histórico sério e crítico, onde a história não pode apenas servir para consolar e compensar, mas certamente para identificar com coragem cívica e humana a densidade e diversidade da grande linguagem da humanidade (Hall, 2018). A este respeito, a historiadora Sandrine Kott reforçava afoitamente a ideia de que:

é necessário contrariar populismos e nacionalismos de vária extração, da academia e da política à dita esfera pública. É que é preciso não atirar o bebé fora juntamente com a água do banho. Há que fugir de uma revisitação histórica que só vive de comemorações oportunistas e que na maior parte das vezes não decorre de agendas fundamentadas. (Kott, 2020, p. 303)

\* \* \*

Os textos que materializam o desafio subjacente a este livro analisam, sob vários ângulos, perspetivas, experiências e abordagens, a relevância e exigência de pensar a Europa e o Mundo.

O contributo de José Luís Garcia, que abre este livro, assenta num escrito intitulado “A segunda grande vaga de desincrustação e a crise de 2007-15”, no qual se aborda a radicalização do imaginário liberal e se promove o mapeamento do estímulo da tecnociência e dos novos continentes para a mercadorização da “sociedade corporativa” e do capital como força indisciplinada, através das retóricas da crise. O autor procura compreender a crise financeira global de 2007-2008, que entre 2010 e 2015 se estendeu aos países europeus do Sul e à Irlanda, no quadro de uma situação crítica de dívida pública da Zona Euro, como sequência de uma conjuntura que remonta às décadas finais do século XX. Para tanto, questiona no final do ensaio qual o papel das Ciências Sociais face ao cenário descrito, sustentando caber-lhes defender os interesses da sociedade e do poder racional da totalidade da sociedade, bem como o respeito por todos os indivíduos, face ao imperativo económico-tecnológico e à demagogia populista.

Segue-se o texto “Uma Europa com amos: notas críticas de história de uma economia política”, de João Rodrigues, em que o autor argumenta que a integração europeia tem uma natureza neoliberal crescentemente vincada,

analisando algumas das suas implicações de política económica. O neoliberalismo não será, pois, um *slogan*, mas um poderoso feixe de ideias, com uma prática teórica centrada na identificação das melhores escalas para promover um determinado tipo de capitalismo, crescentemente expurgado de concessões coletivistas. O europeísmo, a ideologia de que as melhores soluções políticas estão hoje na escala das instituições europeias, tem, particularmente entre os sectores socialistas, de se confrontar com alguns padrões gerados pela integração.

Jorge Gonçalves escreve o texto “União Europeia e União Africana, instituições em evolução”. Em relação à Europa, observa sinais de retorno a uma conjuntura de guerra fria, para além da tensão decorrente do *Brexit*, o que coloca a Europa numa grande encruzilhada que desafia a coesão interna da União e a capacidade regeneradora das suas lideranças, que pode desfazer o sonho fundacional da União Europeia. No que respeita à União Africana, a dinâmica transformadora vai no sentido do desenvolvimento económico e social, podendo a livre circulação de pessoas e bens exponenciar o aprofundamento de uma Comunidade Económica Africana. E, como desafio decisivo, desenvolver a sua sustentabilidade através do autofinanciamento e a correspondente comparticipação financeira dos Estados.

Em “Entre paz e conflito: identidades plurais e soberanias difusas”, Luís Cunha aborda uma velha questão que se prende com a forma de superar a conflitualidade que tem conduzido a guerras catastróficas, temática que é cara a várias figuras cimeiras, ao longo dos tempos, como foram Kant, Freud e Einstein. Trata-se de contributos desenvolvidos em tempos diferentes e com diferentes razões. No caso de Kant, por causa da Revolução Francesa e, em relação a Freud e Einstein, na ressaca da I Guerra Mundial. Todos eles olharam para o balizamento histórico em que são circunscritos os acontecimentos, que são decorrentes de fatores estruturais que ainda se mantêm atuais e permanecem relevantes para se poder pensar a contemporaneidade: liberdade individual e participação cívica, vínculos políticos e ligações culturais, exercício de soberania e manifestações de fidelidade.

Vítor de Sousa escreve sobre “A(s) crise(s) e a(s) identidade(s). A globalização, a perda de soberania dos Estados e a emergência dos patriotismos”. Face às várias crises que têm ocorrido, que identidade emerge nesse contexto de ruturas sociais? Da identidade definida, passou-se a uma outra não tipificada, que já não é centrada em “nós próprios”, assumindo um cunho de mobilidade, por via do estilhaço dos paradigmas vigentes na modernidade, com um consequente questionamento das verdades absolutas que tinham cadenciado a vida social. Não obstante a globalização e as crises, em sentido contrário à tendência

verificada, num aparente contraciclo, isso tem motivado uma dinâmica em que muitos países promovem um apelo ao patriotismo.

“Memórias do salto. Da aldeia sem luz à cidade das luzes” é a proposta de Rosa Cabecinhas, em texto que aborda a emigração portuguesa para França durante os anos 60 do século XX, enquanto um dos momentos mais marcantes da história contemporânea portuguesa. Este texto versa sobre as motivações para a emigração, as vivências migratórias, o retorno e as consequências da migração, quer em termos pessoais, quer em termos coletivos, a partir de memórias autobiográficas de pessoas que partiram clandestinamente para Paris e posteriormente regressaram à sua aldeia natal. Os entrevistados neste trabalho nasceram na mesma aldeia e a sua vida foi marcada por um acontecimento comum – o salto –, embora vivido em momentos e circunstâncias diferentes. As suas memórias cruzam-se ao falarem da aldeia, antes e depois do salto, entre a ditadura e a revolução.

Cristina Joanaz de Melo assina o texto “Conhecer a intervenção humana no território e executar um futuro: consultoria histórica da paisagem como ferramenta operativa”, no qual propõe novos desafios à discussão ambiental. Trata-se de uma visão que analisa uma realidade omissa noutros estudos, como é o caso da gestão equilibrada e da compensação ecológica de recursos naturais executadas pelo agente humano. No caso português, olha para a região do Minho que, já no século XVIII, numa conjuntura de arranque industrial, passou pela exploração de recursos naturais em ecossistemas agro-silvo-pastoris, sem destruir sistemas de suporte de vida. Defende, por isso, que a destruição antrópica não é uniforme no espaço e no tempo, demonstrando a análise histórica da paisagem processos de viabilidade no resgate ecológico para o futuro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Buettner, E. (2020). Por uma vigilância dos usos e abusos da história. In M. B. Jerónimo & J. P. Monteiro (Eds.), *História(s) do presente. Os mundos que o passado nos deixou* (pp. 25-49). Lisboa: Tinta-da-China.
- El-Enany, N. (2020). *(B)Ordering Britain. Law, race and empire*. Manchester: Manchester University Press.
- Gatrell, P. (2020). Os refúgios da história. In M. B. Jerónimo & J. P. Monteiro (Eds.), *História(s) do presente. Os mundos que o passado nos deixou* (pp. 221-243). Lisboa: Tinta-da-China.
- Hall, C. (2018). Doing reparatory history: bringing ‘race’ and slavery home. *Race & Class*, 60(1), 3-21. <https://doi.org/10.1177/0306396818769791>.

- Jerónimo, M. B. & Monteiro, J. P. (2020). *História(s) do presente. Os mundos que o passado nos deixou*. Lisboa: Tinta-da China.
- Khan, S. (no prelo). A alquimia dos mecanismos de racialização, criminalização e vigilância racial. In H. Machado (Ed.), *Crime e tecnologia: desafios culturais e políticos para a Europa*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Khan, S. & Machado, H. (no prelo). Postcolonial racial surveillance through forensic genetics. In S. Khan, N. Can & H. Machado (Eds.), *Racism and Racial Surveillance. Modernity matters*. London: Routledge.
- Kott, S. (2020). Um só mundo... ou nenhum. In M. B. Jerónimo & J. P. Monteiro (Eds.), *História(s) do presente. Os mundos que o passado nos deixou* (pp. 297-321). Lisboa: Tinta-da-China.
- Lowe, L. (2015). History hesitant. *Social Text*, 33(4), 85-107. <https://doi.org/10.1215/01642472-3315790>.
- M'charek, A., Schramm, K., & Skinner, D. (2014). Technologies of belonging: the absent presence of race in Europe. *Science, Technology & Human Values*, 39(4), 459-467. <https://doi.org/10.1177/0162243914531149>.
- Marchetti, S. (2015). Resentment at the heart of Europe. Narratives of Afro-Surinamese postcolonial migrant women in the Netherlands. In S. Ponzanesi & G. Colpani (Eds.), *Postcolonial Transitions in Europe. Context, practices and politics* (pp. 133-147). London: Rowman and Littlefield.
- Mignolo, W. D. (2007). Delinking. The rhetoric of modernity, the logic and the grammar of decoloniality. *Cultural Studies*, 21(2-3), 449-514. <https://doi.org/10.1080/09502380601162647>.
- Ribeiro, R., Sousa, V., & Khan, S. (2017). Nota Introdutória. In R. Ribeiro, V. de Sousa & S. Khan (Eds.), *A Europa no Mundo e o Mundo na Europa: crise e identidade. Livro de atas* (pp. 5-8). Braga: CECS. Retirado de [http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/issue/view/227](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/227).
- Santos, B. de S. (2007). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, 3-46. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>.
- Stoler, A. L. (2011). Colonial aphasia: race and disabled histories in France. *Public Culture*, 23(1), 124-170.